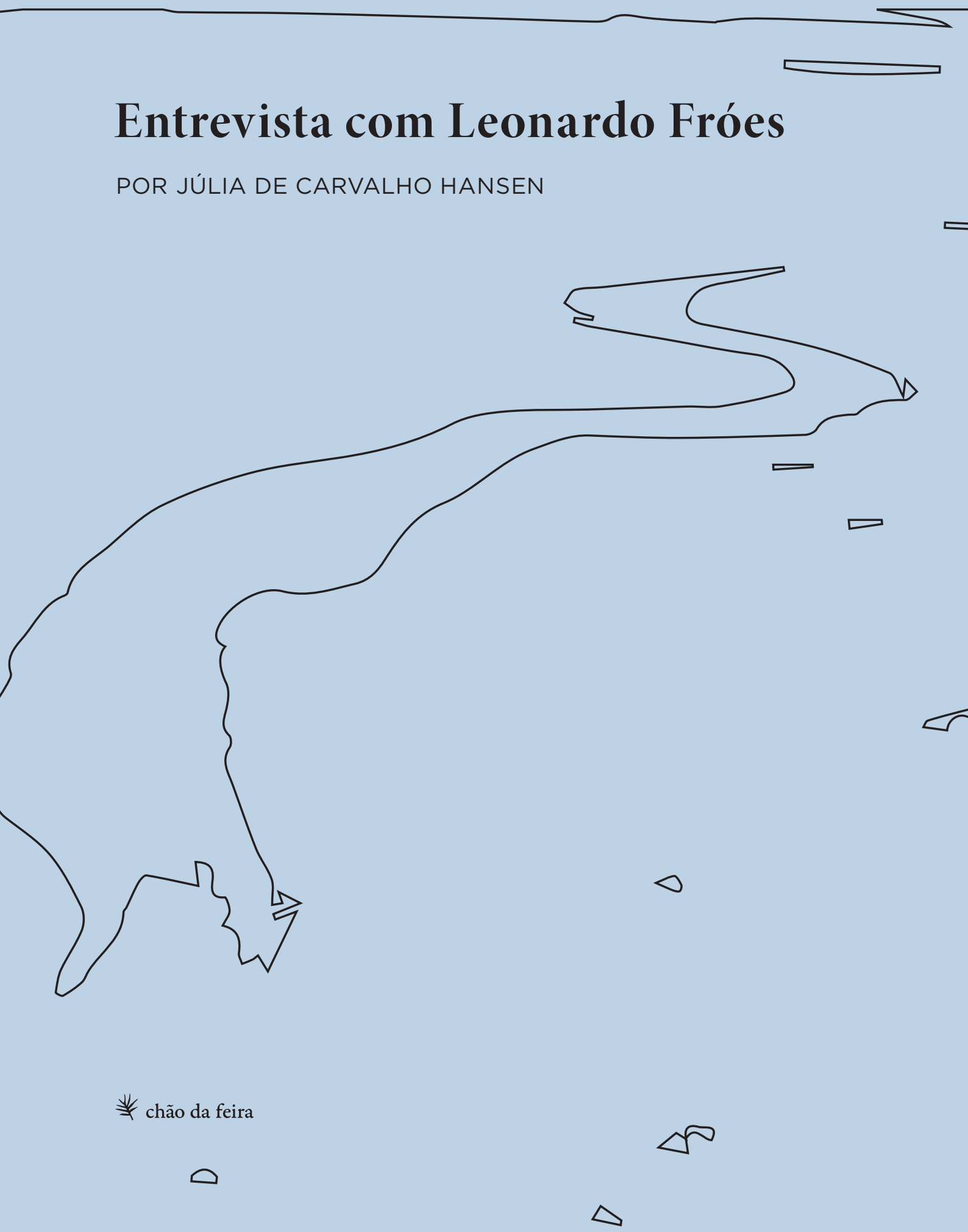


Entrevista com Leonardo Fróes

POR JÚLIA DE CARVALHO HANSEN



Entrevista com Leonardo Fróes

POR JÚLIA DE CARVALHO HANSEN

Perguntas e respostas trocadas por e-mail
entre 22 de setembro de 2016 e 17 de fevereiro de 2017

[**Júlia de Carvalho Hansen**] Vamos começar do começo? E onde será que mora o começo? Gostaria que você narrasse um pouco das suas origens, dos seus antepassados, dos seus vínculos familiares. E você acha que existe uma continuidade deles em quem você é hoje? Se esta continuidade existe, a que você acha que ela se deve? Convivência? Genética? Simultaneidade? Mistério?

[**Leonardo Fróes**] Nasci num dia de carnaval, segundo me contaram, e o mundo, em 1941, como sempre estava em guerra. Minha cidadezinha, Itaperuna, no noroeste fluminense, seria aos olhos de hoje pouco mais que uma vila. Lá quase não havia automóveis, destacando-se entre eles uns quatro ou cinco “carros de aluguel”. Os caminhões, muito velhos, deviam ser ainda menos. O grosso do transporte era feito em carros de bois e em carroças de mulas. Os trilhos do trem de ferro, que chegava de noite como grande atração local, trazendo os jornais e as novidades do Rio, passavam bem pelo meio da principal avenida. Em sentido paralelo, corria e ainda corre um rio, o Muriaé, a fatiar a cidadezinha em metades. Nem mesmo as famílias da classe média, como a minha, tinham telefone, gás, geladeira ou outros aparelhos domésticos. Os fogões eram a lenha e o grande luxo era ter um rádio. Para alimentar os fogões, a maria-fumaça, as padarias e as pequenas indústrias rudimentares, desmatava-se muito e sem controle. Mas na minha casa havia livros, meus brinquedos favoritos, e sempre houve um belo quintal, como havia ao redor jardins floridos.

Esse esboço de cenário já deve dar a entender como é difícil agora, para a pessoa na qual me transformei, recuperar o menino que terei sido num tempo já tão distante. Tentar fazê-lo é experimentar como poucas vezes a sensação de que “eu é um outro”. Os quadros que ainda lembro da infância me vêm em flashes desordenados, em cenas soltas que não consigo fixar num roteiro lógico. É principalmente uma atmosfera o que resta: o trem, o

rio, o prazer de andar descalço atrás de frutas no mato, o carinho inexcedível com que o pai e a mãe me criaram. Além deles, não tenho uma genealogia progressa, não convivi com nenhum dos meus avós, todos morreram bem antes de eu nascer. Nisso porém há uma exceção, que para mim se converteu em mito.

Conheci o professor Silva Borges, meu bisavô paterno, que era mestre-escola numa cidade vizinha e a quem fui visitar várias vezes. Sua imagem de correção e elegância me impregnou muito a fundo. Quando ele morreu, nonagenário, seus livros, herdados por meu pai, vieram para a minha casa. Mal comecei a ler, já estava assim debruçado, às vezes sem entender muita coisa, nas páginas dos mesmos exemplares que o bisavô tinha lido. Guardo até hoje alguns dos livros dessa herança. E onde moro atualmente os vizinhos me chamam de professor. Como eu nunca ensinei nem tenho nada a ensinar, isso me leva a supor que estão falando com o outro, que me limito a ser a sombra ou a simples continuidade de um único, grande e modesto antepassado, do qual espero ter absorvido algum sumo.

[JCH] Lembro de você dizer que foi aluno do Colégio Pedro II no Rio de Janeiro e que via nisto influências no seu trabalho como tradutor. Você poderia comentar isso um pouco? E você acha que o conhecimento escolar forma? Ou deforma? E como era o Leonardo sentado nos bancos escolares?

[LF] Em 1950, eu então com nove anos, meus pais se mudaram para o Rio. Para mim foi um choque. Tudo era tão diferente que fiquei desorientado, apesar da animação que sentia. Mas dois anos depois entrei para o internato do Colégio Pedro II. Por ele tenho a mais total gratidão. Ali fiz amigos, aprendi com excelentes professores e comecei a me entender como gente. Sempre fui estudioso, e no internato não se fazia outra coisa a não ser estudar da manhã à noite. Na época, o currículo incluía, no ginásio e no clássico, seis línguas estrangeiras. A cada uma na qual me iniciavam, mais em mim se definia a certeza de que eu seria, um dia, um literato. De dois professores de português, Carlos Henrique da Rocha Lima e Leônidas Sobriño Porto, recebi uma influência profunda. A princípio, no colégio, fui um menino recatado e sereno. Mas por volta dos quinze anos comecei a viver meus tempos de rebeldia. Decidido a ser escritor, não me conformava em ter de estudar ciências pelas quais eu não sentia a menor atração. Devo então ter entendido que o conhecimento escolar forma e deforma, por ser utilitário em excesso e não saber levar em conta as particularidades de cada indivíduo, que desabrocham justamente na escola.

[JCH] Será que se nasce poeta? Será um dom? Um esforço? Como nasceu o Leonardo poeta em ti? E você sabe dizer quando foi que percebeu que queria e podia e que gostava de escrever?

[LF] Se já se nasce poeta, não sei. Também não sei se um poeta é alguém assim tão diferente do comum dos mortais. Prefiro pensar como um colega de outra época, o irlandês Louis MacNeice, segundo o qual “o poeta é um especialista no que todos praticam”. Quem não se emociona com o sol, a chuva, um sorriso de criança ou o esplendor de uma árvore? Quem será indiferente às belezas da vida? No meu caso, creio que o poeta nasceu já na primeira infância, quando o menino da roça se perdia, ou seja, se esquecia de si durante horas, ao contemplar as mágicas que a natureza executava ao redor. No entanto a ideia de que eu queria e talvez pudesse escrever só se aclarou para mim na adolescência, já nos meus tempos de colégio. Pode ser que eu tivesse um dom. Mas a isso vi-me obrigado a juntar um tremendo esforço.

[JCH] Gostei muito do que você citou: “o poeta é um especialista no que todos praticam”. E aí eu volto pra questões já batidas nos caminhos da poesia: se a poesia é uma prática que se pratica, os poemas surgem ou são criados? Você, ao escrever, tem o sopro das inspirações? Ou são ideias que vem buscar dizer? Conquistadas com trabalho árduo? Como você vive a prática da escrita?

[LF] Pois é, também gosto dessa frase, que devo ter lido, há muitos anos, na autobiografia de Louis MacNeice, um poeta de quem hoje já nem se fala, mas que foi bastante conhecido até meados do século passado. Sua autobiografia, *The Strings Are False*, publicada em 1965, dois anos depois de sua morte, é um depoimento notável. Li e continuo a ler muitas autobiografias de poetas, como as de Yeats, Edwin Muir ou William Carlos Williams, justamente para ver se eu conseguia entender, na experiência de outros, coisas como essas que você me pergunta, se a poesia é uma prática que se pratica, se os poemas surgem ou são criados etc. Confesso que nunca cheguei, a respeito disso, a ter convicções muito sólidas. O que sei é que a prática da escrita sempre se colocou para mim de maneiras bem diferentes. Se escrevo um ensaio, uma resenha, um artigo que me encomendam, ou se faço uma tradução, trabalho dentro de limites estritos, o primeiro dos quais é a extensão do texto que terei de fazer. Se escrevo um poema, ou melhor, se um poema se inscreve em mim, não sou limitado por nada, caio num reino de liberdade absoluta, onde eu mesmo me surpreendo com ritmos, palavras e frases sobre os quais não exerço nenhum domínio consciente.

Sei também que, sempre que escrevi um poema, fui possuído na hora ou pouco antes por uma espécie de arrebatamento incomum. Será isso o “sopro das inspirações”, algo que, nas proposições de certas vanguardas, já mereceu tanto descrédito? Pergunto-me, porque não tenho a menor certeza: inclino-me a achar que a escrita de poesia talvez seja mais um desses pequenos mistérios que dia a dia nos rodeiam sem que cheguemos a percebê-los de todo e cuja profundidade nos escapa. Por que será, pergunto ainda, que um poema escrito por mim, no âmbito de uma experiência vivida na solidão, é validado por alguém muito distante e diferente que o lê, como se outra pessoa, transpondo a brecha que nos separa, pudesse sentir o mesmo que eu havia sentido e de que fiz um registro? Como essa estranha identificação entre leitores e poemas tem sido um fato tão normal na vida humana, vai ver que a poesia fala, em última análise, como se ela fosse a própria voz da espécie.

Por outro lado, parece que em toda atividade animal existe uma técnica, passível de se transmitir e aprender. Já não sei mais quem era o adolescente que eu fui, mas suponho que ele tenha aprendido, primeiro com os professores, depois pela leitura, a imitação e a prática, os rudimentos do que viria mais tarde a se transformar num estilo, num modo próprio de escrever. Mais tarde ainda, e esse terá sido o momento mais importante, pode ser que eu tenha aprendido a desaprender o sabido, jogado fora as minhas regras, descondicionado um pouco o meu gosto para deixar-me ser aberto pela criação espontânea. Depois dos 30, 35 anos, tudo o que escrevi em poesia, inclusive os textos mais longos do *Sibilitz*, foi escrito de um só jato, na minha máquina de escrever tão usada, sem pausas para reler e pensar e sem alterações posteriores.

[JCH] Como convivem o Leonardo que é tradutor em você e o Leonardo que é o escritor; são o mesmo homem? Ou há certa heteronímia que permite uma alteridade? Quando você traduz, você sente a sua escrita implicada no texto que você traz pra esta língua? Ou você precisa de certo distanciamento desta coincidência pra traduzir? E, na via inversa, você capta, aprende, leva, ou há vezes também que tem que barrar, interromper, desfazer o que traduz quando isso aparece na sua escrita? Você saberia dizer os mecanismos desses ofícios interligados em ti?

[LF] Sim, o tradutor, o ensaísta e o poeta nos quais a vida me moldou são para mim apenas diferentes facetas de uma mesma pessoa. Não é só por dinheiro que trabalho, é também por encontrar nesses campos, em tudo o que faço com o mesmo entusiasmo e a mesma dedicação, uma imensa fonte de prazer. No século XIX, que acho charmoso, entre outras coisas, por seus meios de locomoção mais suaves, tão menos agressivos que os

transportes barulhentos e nervosos de hoje, provavelmente eu seria tido por um homem de letras, essa expressão que, embora tão fora de uso, ainda me agrada. Considerar a poesia superior às traduções ou às minhas prosas esparsas poderia então ser, do meu ponto de vista, uma atitude tipicamente convencional. Tudo para mim se equivale, como aliás até as próprias pessoas. O que há de especial na poesia é o clima de liberdade em que ela acontece. Isso a caracteriza, mas nem por isso lhe dá maior valor que o de outras manifestações da escrita, entre as quais eu coloco, em posição de destaque, as narrativas populares de variadas culturas, pelas quais sempre tive grande interesse.

Não sinto uma relação muito íntima entre as tantas traduções que já fiz e a minha escrita de caráter mais pessoal. Talvez porque a esmagadora maioria dos autores que traduzi são de épocas muito passadas, sobretudo do século XVI à primeira parte do XX. Isso me obrigou a tentar praticar estilos sempre muito diferentes do meu — eu que aliás não devo ter só um, já que a poesia que escrevi variou bastante de forma ao sabor da experiência dos anos. Não traduzi senão um romancista vivo, J.M.G. Le Clezio, de quem passei para o português quatro livros. Ao traduzir poetas antigos, como Shelley, Goethe, Swift, Emily Brontë ou William Cowper, pude pôr em uso as regras de versificação que aprendi ainda nos tempos de colégio, onde eram parte do currículo. No meu próprio trabalho, quase nunca escrevi em formas fixas e pouco precisei dessas regras. Jamais eu tinha escrito um soneto. Mas há uns seis anos descobri que era capaz de fazê-lo, e de nisso sentir prazer, quando resolvi traduzir os 44 *Sonetos da portuguesa*, de Elizabeth Barrett Browning. A essa experiência contraponho textos de prosadores modernistas como Faulkner, Virginia Woolf, Malcolm Lowry, que traduzi muito antes. Lidar com formas e percepções tão diferentes deve ter contribuído para me tornar mais versátil e conseqüentemente, espero, mais aberto.

[JCH] Se você puder e quiser, será que pode contar um pouco a sua virada para o mato? Como foi a mudança para Secretário com a Regina, depois de anos tão urbanos? Lembro de você uma vez associar esta mudança à dissolução de uma vaidade orgulhosa que te habitava, será que você poderia contar um pouco isso? E contar como e por que a vida próxima da natureza alterou não só a sua vida imediata, como a sua escrita e também a sua personalidade?

[LF] No começo da década de 1970, quando fomos morar na roça, Secretário, parte de um dos distritos mais afastados de Petrópolis, ainda era uma região de fazendas, com plantações, criação de gado, vida essencialmente rural. Minha impressão mais forte talvez fosse a de estar voltando para os cenários da infância, para a pequena cidade do interior onde

nasci e morei até os nove anos. Eu e Regina vivemos em recolhimento e idílio. Com pouco dinheiro, tudo era muito simples, difícil de conquistar e por isso até mais gostoso. A mudança foi rápida. Nosso sítio era um imenso pasto, degradado e árido, a maior parte um morro coberto só por capim. O que restava da casinha, uma ruína com piso de chão batido, virou um ninho de amor maravilhoso. Peguei na enxada. Cismei de reflorestar toda a área, e isso foi feito, com muito esforço e paciência a vegetação voltou a crescer. Aprendi a trabalhar como pedreiro, assentei portas e janelas, puxei a eletricidade e a água, que de início não tínhamos. Fizemos horta, plantamos a nossa própria comida. Aprendemos a dar valor, e isso perdura até hoje, ao trabalho manual. Claro que, simplificando-se a vida, minha linguagem também se simplificou. Livrei-me, creio, de muitos condicionamentos nocivos, entre os quais o da vaidade autoral. Espero ter trocado esse sentimento menor por uma ponta de orgulho, sadio, por ter podido resistir e manter minha integridade. A poesia, antes uma atividade fechada, foi assim se transformando, exercitada nos desafios do dia a dia, no que acabei por considerar a principal de todas as artes — a arte de viver.

[JCH] Leonardo, você disse umas respostas atrás: “a poesia que escrevi variou bastante de forma ao sabor da experiência dos anos”. Será que, ao pensar na sua própria obra, você nomeia essas variações de modo a torná-las compreensíveis pra você mesmo? E, se nomeia, poderia contar um pouco como vê, pra além dos dados biográficos dessa transformação: como você vê os atos nos seus poemas que tensionam e replicam a transformação formal deles?

[LF] Constato variações na minha poesia, sobretudo entre os dois primeiros livros, *Língua franca* e *A vida em comum*, e os que vieram depois. A linguagem, nos dois, ainda é bem disciplinada e traz resíduos das leituras que o jovem que então eu era sempre fez com proveito. A partir do terceiro livro, *Esqueci de avisar que estou vivo*, publicado em 1973, quando eu já morava em Petrópolis, parece-me ocorrer, cada vez mais, uma ruptura com o espírito da tradição modernista. Ou, como diz um poema deste livro: “Desempilham-se livros. Decresce o sabido labiado”. Não descarto o que fiz antes e que foi importante para mim. Mas romper com a disciplina do verso me levou a novos caminhos — ao prazer das aventuras — e talvez a encontrar minha própria voz. Com o tempo, eu chegaria ao que chamam de “poema em prosa”, mas que para mim são apenas textos escritos sob a pressão dos impulsos, sem nenhuma preocupação quanto a gêneros. Os atos que geravam poemas, a essa altura, não terão sido puramente atos mentais. Era talvez o corpo todo que então passava a escrever, como se lhe fosse possível seguir os ritmos naturais com os quais a vida ia me

pondo em contato. Nunca porém eu escrevi acionado previamente por qualquer posição teórica. Deixei que a vida me levasse, e isso sempre me fez bem e me ensinou muita coisa.

[JCH] Nas próximas duas perguntas faço duas leituras dos seus textos que gostaria que você comentasse:

a) Com o passar dos anos, sobretudo a partir da mudança de vocês pra Secretário, eclode nos seus poemas uma consciência aberta para os vínculos entre os seres vivos e que parece sempre procurar um lugar de fala equânime. Esta voz se iluminando, cada vez mais vai se apresentando como uma voz em comunidade com tudo o que vive. É como se essa voz, que já sinto presente nos livros anteriores ao *Sibilitz*, desse nele o ponto de viragem, uma transição da consciência. Como *Sibilitz* também precisa arrebentar com algo dos sentidos, das concatenações entre as coisas, é um livro cheio de anarquias e pacificações, e desse atrito me parece que nasce a tal consciência de ser uma consciência entre consciências viventes. A planta, o bicho, o homem, tudo respirando junto, algo que no *Assim* já aparece mais calmo, menos elétrico, mas tão vivo quanto pacificado. Você acha que há na sua obra uma inquietação que vai se tornando compreensão?

[LF] Falei antes de encontrar minha própria voz, mas a isso prefiro agora essa formulação que você faz, a de “uma voz em comunidade com tudo”. A tradição literária nos levou a enaltecer uma certa supremacia da sensibilidade do poeta. Mas a poesia vivida, a que antes de tudo é experiência, e não simples montagem de palavras, ou engenharia verbal, tende a supor que a pessoa do poeta é apenas uma das partes de um fenômeno mais amplo do que os registros que a escrita possa fazer. “Eu não sou eu”, disse Malcolm Lowry, “mas o vento que sopra através de mim”, ecoando um poema anterior de D.H. Lawrence que começa assim: “Not I, not I, but the wind that blows through me!”. Outros poetas, que, como esses dois, tiveram contatos fortes e transformadores com a terra, vivenciaram igualmente essa espécie de diluição do eu que acontece quando nos confundimos, desarmados, com o mundo natural. “Tenho consciência de me mover na paisagem como um de seus detalhes”, disse o americano Wendell Berry ao descrever suas caminhadas solitárias, em meados do século XX, pelas matas do Kentucky. Por sua vez, o poeta John Haines, da mesma época e também americano, falou de suas andanças pelas vastidões geladas do Alasca, onde viveu por mais de vinte anos: “Deixo algo de minha condição humana para trás de mim, por um tempo, e em parte me torno árvore...”. Se há pessoas que sucumbem, crendo

que desse modo estarão fortalecendo seus egos, a um estado claustrofóbico de sonambulismo automático, outras já demonstraram, como espero ilustrar com esses exemplos, que o lugar que mais nos aprisiona é a ilusão de uma personalidade imutável. É justamente quando nos abrimos para “os vínculos entre os seres vivos” que passamos a conhecer o prazer de uma liberdade sem freios. Sendo parte da natureza, e não construção mental que me agrade, me dissimule ou me falseie para me proteger, não sou ninguém, não sou nada, mas, como um detalhe da paisagem, sinto que existo e me transformo com o todo, ora virando vento, ora virando árvore. Quanto aos livros que você menciona, o *Sibilitz* e o *Assim*, concordo com seus dizeres, acho que em ambos e em todo o meu trabalho de poeta há uma grande inquietação que se transforma em compreensão — e aceitação. Esses dois livros são mais ou menos da mesma fase: o primeiro, mais tumultuoso, mais atormentado, mais “romântico”, saiu em 1981; o segundo, mais tranquilo, mais “clássico”, mais pé no chão (mais “assim” e pronto: não adianta discutir nem chiar), foi publicado em 1986. Mas as vivências das quais eles resultaram são basicamente as mesmas. Talvez uma idêntica dualidade de aspectos, entre os lados “romântico” e “clássico” com os quais sempre me deparei, se revele também entre dois livros bem posteriores, os *Quatorze quadros redondos*, de 1998, e o *Chinês com sono*, de 2005.

b) Na variabilidade de tons e vozes que encontro nos seus poemas, eu tenho a sensação de ver uma suave linha que atravessa toda a sua obra. Linha esta que (talvez por falta de palavra mais precisa) eu chamaria de “humor”, um toque de refinamento relacional no convívio com as coisas, uma elegância de levar em consideração os acontecimentos de forma a achá-los engraçados, graciosos ou irônicos. São muitos tons os do humor, portanto. Ou será que estou delirando?

[LF] Não, você não está delirando, em tudo, quase sempre, há um lado engraçado. Um amigo que fiz na roça, homem simples e iletrado, mas muito espirituoso, que morreu recentemente, gostava de me contar, além das novidades, as eventuais desgraças locais — fossem brigas, acidentes, namoros clandestinos ou desavenças domésticas — e no final das narrativas, mesmo se houvesse sangue escorrido, ele sempre explodia em gargalhadas. “A vida levada a sério”, lembro a epígrafe do *Sibilitz*, “é o brinquedo dos adultos”. Outro conhecido, um garoto franzino e brincalhão, quando as coisas ficavam feias, tinha o costume de exclamar, como se usasse um contraveneno: “Bobagem! Bobagem!”. Se não soubermos cultivar o bom humor, a vida talvez se torne chata e pesada. Mas rindo e sorrindo, conforme as circunstâncias, podemos ver, por exemplo, que esses políticos

engravatados que falam na televisão, que se mostram tão poderosos e parecem se levar tão a sério, não passam na verdade, na estimativa do público, de atores muito medíocres de estúpidas comédias de erros.

[JCH] Esta pergunta escrevi no meu caderno umas noites atrás (creio que a Regina te mostrou uns dias atrás no facebook). Como eu a escrevi numa grande noite escura, acho melhor perguntá-la diretamente: Leonardo Fróes, o senhor acha que o humor é uma espécie de atrevimento? E o amor, hein? Que tem o amor a ver com tudo o que há no mundo?

[LF] Sim, humor e amor são atrevimentos que contam, sobretudo porque raiva e rabugice se espalham como epidemias que pegam. O humor é úmido, é líquido, é água que, mesmo escorrendo por entre os dedos, “tanto bate até que fura”. Já o amor, como a gente sabe, “é um fogo que arde sem se ver”. Os dois assim se completam, o humor tempera e refresca o calor das paixões. Pensando nisso, repare que a palavra amor, apesar de tão desgastada em usos contaminados por intenções comerciais subalternas, é o recheio espremido, está no meio da palavra namoro, algo que não faz mal a ninguém, porque adoça a vida.

*

*Este é o Caderno de Leituras n.64, publicado
em maio de 2017 e composto nas fontes Gotham e Minion Pro
por Luísa Rabello para as Edições Chão da Feira.*

[chaodafeira.com]

Patrocínio



Realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte
1069/2014

Este Caderno de Leituras foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Fundação Municipal de Cultura. Patrocínio UNA.